

Uma análise interpretativa sobre as práticas comunicacionais nas construções identitárias dos migrantes haitianos em Curitiba-PR

Otávio Cezarini Ávila

Mestre; Instituto Federal do Paraná (IFPR), Curitiba, PR, Brasil
ota_cez@hotmail.com

Myrian Del Vecchio de Lima

Doutora; Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil
myriandel@gmail.com

Resumo

Os haitianos se tornaram conhecidos da população brasileira, em especial, nas grandes capitais do país. Nas ruas, nos postos de trabalho, em eventos populares, os migrantes haitianos aparecem em nosso imaginário sob diferentes formas representacionais, normalmente, mediadas pelos discursos dos meios de comunicação de massa. O objetivo do artigo é discutir como determinados processos comunicativos, que ocorrem fora do “circuito oficial” da comunicação (TV, jornais, rádio e sites de mídias tradicionais), desestabilizam os discursos hegemônicos em prol de uma “cidadania transnacional”, de direitos e de dignidade ao migrante haitiano que vem ao Brasil e, mais especialmente, a Curitiba, no Paraná. O artigo, que é parte de uma pesquisa de mestrado, invoca a relação que a temática da migração mantém com o processo de globalização contemporânea, com as redes sociais que podem atuar como formas discursivas contra-hegemônicas e com perspectivas metodológicas que extrapolam os dados quantitativos para trazer perspectivas valorativas das identidades dos migrantes. Parte-se da premissa de que as práticas comunicativas dos migrantes haitianos constituem formas de resistência frente a processos de vida acelerados pela globalização, especialmente, aqueles relativos às identidades. Apresentam-se, como resultado, algumas formas como os haitianos têm utilizado diversas interações midiáticas para se colocar no novo território.

Palavras-chave

Migração haitiana. Globalização. Comunicação. Redes. Curitiba.

1 Introdução

Por meio de um acordo de cooperação internacional, militares brasileiros foram enviados para o Haiti em 2004 com o intuito de buscar a “estabilização de paz”. Após anos de inconstâncias políticas e ditaduras governamentais, estabeleceu-se uma aproximação historicamente inédita entre o Brasil e o país caribenho. Seis anos após o acordo, o país centro-americano, com uma das economias mais pobres do planeta, viria a sofrer um violento terremoto que destruiu parte de sua infraestrutura física e produtiva, agravado em 2012 por um furacão que dificultaria, ainda mais, o desenvolvimento pessoal e profissional de sua população. Durante esse desenrolar de tragédias socioeconômicas e ambientais, a colaboração militar brasileira com o Haiti se fortaleceu, paralelamente a uma aproximação diplomática.

Uma das consequências mais visíveis de tal situação foi o considerável aumento que o Brasil experimentou em seus dados migratórios em 2010, destacados pela presença do povo haitiano no mercado formal de trabalho nacional: das 708 autorizações concedidas a haitianos pelo Conselho Nacional de Imigração em 2011, houve um salto para 41 mil em 2015, conforme afirma o relatório do Observatório de Migrações Internacionais (CAVALCANTI; OLIVEIRA; ARAUJO, 2016).

Apesar da dimensão continental do Brasil, os migrantes¹ haitianos têm preferido se concentrar em grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida. Curitiba, por exemplo, mesmo caracterizada por uma histórica imigração branca e europeia, não tem representado uma barreira para os cerca de cinco mil haitianos que ali se estabeleceram, conforme dados não oficiais das organizações que atuam sobre o tema. O número, embora bastante incerto, dado a dificuldade de controle do governo do Estado e das organizações de apoio locais, creditou em 2014, à capital paranaense, o posto de quarto principal destino dos haitianos no Brasil.

A presença do migrante nos grandes centros metropolitanos é envolvida pela dinâmica desses lugares e pode ser caracterizada como “identidades em trânsito”. Contudo, tal característica é contraposta por lugares de referências, chamados, também, de “comunidades de sentimentos” (SANTOS, 2002), que envolvem ações de resistência transnacionais por meio de organizações e ações pessoais. Tais ações de resistência

¹ Neste artigo, o termo “migrante” será utilizado por haver a compreensão de que a expressão abarca a ideia de imigração, emigração e a migração interna, ou seja, o termo “migrante” refere-se a uma definição genérica para fluxos de pessoas que se deslocam de um lugar para o outro. Entende-se, contudo, que a significação do termo “imigrante” apropriada aos indivíduos que transitam entre países e poderia ser utilizada para a pesquisa em questão.

transnacionais são, aqui, analisadas a partir do olhar comunicacional, na observação da formação das redes de apoio que se relacionam, mutuamente, com processos motivados por práticas comunicativas advindas de novas tecnologias de comunicação ou não.

Ao partir do contexto da globalização contemporânea, marcada pelos fluxos migratórios e suas características socio-históricas, o estudo privilegia como objeto de análise as práticas comunicativas que os haitianos desenvolvem no espaço da cidade de Curitiba, tomando como premissa o entendimento de tais práticas como formas de resistência frente a processos de vida acelerados pela globalização, especialmente, àqueles relativos às identidades. Soma-se a essa premissa outra que afirma que para estas práticas comunicativas serem efetivadas, a ação das organizações de apoio aos migrantes desempenha um papel decisivo atualmente. Entretanto, não é objetivo do artigo discorrer sobre tais organizações. Salienta-se que as práticas comunicativas a serem enfatizadas são aquelas mediadas por tecnologias, sendo elas as “novas mídias”, especialmente, as vinculadas à internet, e as “mídias tradicionais”, compreendidas como mídias de massa.

É oportuno assinalar que o resultado da pesquisa compõe um processo de acompanhamento da comunidade haitiana, em Curitiba, realizado durante dois anos, por meio de observação participante no âmbito de duas organizações de apoio: a Pastoral do Imigrante e a Casa Latino-Americana (Casla). Para fortalecer o processo metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com haitianos que viviam (vivem), em Curitiba, até 2015.

2 O global e o local: comunicação e cidadania transnacional

Uma constatação que pode ser feita no âmbito da globalização contemporânea está voltada à aceleração dos fluxos de pessoas por meio dos espaços geográficos e a modificação da velocidade das novas formas de sociabilidade, aspectos impulsionados pelas tecnologias de transporte e comunicação. A ideia de globalização exposta nesse trabalho coaduna com a ideia desenvolvida pelo estudioso português Boaventura de Sousa Santos (2002) que, ao conceber a globalização como fenômeno multifacetado, advoga que em seu interior são criadas formas de resistência que questionam a lógica da vitória do global sobre o local. Dessa forma, encaminha-se a uma interdependência entre a globalização e a localização, visto que, para o autor, “[...] não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, real ou imaginada, uma inserção cultural específica”. (SANTOS, 2002, p. 63).

Este outro olhar sobre globalização, que também pode ser interpretado pela ideia de “glocalização” (HAESBAERT, 2003), aponta para a hibridização entre o global e o local, que nos permite pensar em uma sobreposição de territórios, em vez da anulação dos mesmos. Para Stuart Hall (2013), esse “localismo” não é um mero resíduo do passado: “É algo novo – a sombra que acompanha a globalização: o que é deixado de lado pelo fluxo panorâmico da globalização, mas retorna para perturbar e transtornar seus estabelecimentos culturais.” (HALL, 2013, p. 68). Nesta lógica multiterritorial, as identidades² – trabalhadas a partir da perspectiva dos estudos culturais – são complexificadas por conta da sobreposição de territórios e expressadas pelas diferentes experiências, ocasionadas pela mobilidade e pela inserção da cultura global no espaço local. A principal novidade reside na forma como tais identidades sobrepostas redefinem os limites políticos-territoriais dos Estados-nações, como diz Giddens (1991), ao colocar em jogo a hegemonia da estrutura social e política da modernidade, alterando, assim, a face geográfica do mundo a partir da cultura.

O novo local está relacionado a uma ideia transnacional de contra-hegemonia que extrapola seu campo geográfico, para atingir um cosmopolitismo que, para Santos (2002), é uma das formas de resistência à globalização hegemônica. Para o autor, o cosmopolitismo consiste em um movimento contra-hegemônico, mas sem base classista, e se estabelece como organização transnacional de resistência, composta por movimentos sociais, redes de solidariedade transnacional e Organizações Não Governamentais (ONGs), por exemplo.

[...] o cosmopolitismo não implica uniformidade e o colapso das diferenças, autonomias e identidades locais. O cosmopolitismo não é mais do que o cruzamento de lutas progressistas locais com o objetivo de maximizar o seu potencial emancipatório *in loco* através das ligações translocais/locais. (SANTOS, 2002, p. 69).

Ao aproximar as discussões sobre o global/local ao campo da comunicação, Denise Cogo (2010) chama de “comunicação cidadã” – em espaços transnacionais – as formas de aproximação que os migrantes travam para resguardar suas culturas que estão atreladas a três processos de mudança social decorrentes da globalização. Um primeiro processo refere-se às possibilidades de experimentação promovidas pelas novas tecnologias “[...] como espaços relevantes de construção e circulação de agendas relacionadas à disputa de cidadania.” (COGO, 2010, p. 83). Um segundo processo está diretamente vinculado às redes

² O uso do plural no termo diz respeito à atribuição pós-moderna de hibridismo e constante movimento da cultura (HALL, 2006). ElHajji também sinaliza para uma soma entre a identidade individual – composta, polifônica e multifacetada – e a identidade coletiva que ganha relevância na fase transnacional da cultura. (ELHAJJI, 2011).

sociais como forma de relacionamento e mobilização da sociedade contemporânea, que têm seus limites atravessados pelas fronteiras e dinâmicas locais. Cogo enfatiza as redes sociais virtuais, ou o que Scherer-Warren (1998) chama de “redes de comunidade virtuais identitárias”, cujo processo de construção identitária é impulsionado por estas formas de vínculos, por meio de um sentimento coletivo, de pertencimento e reconhecimento. Por fim, o terceiro processo de mudança diz respeito ao próprio processo migratório que acentua os conflitos culturais, decorrentes da intensificação de fluxos na globalização, que também impõe barreiras. Dessa forma, a dinâmica migratória assumiria, com sua inserção nas redes sociais, uma nova forma de conflito com a sociedade, que demandaria “respostas sociais” (BRAGA, 2006) frente a um panorama global.

Quanto às redes sociais, estas podem ser consideradas como todas as interações de indivíduos ou grupos em suas relações cotidianas que surgem a partir de demandas das subjetividades e da identidade de cada um. Do mesmo modo, é considerada rede social o impulso que indivíduos ou grupos realizam em torno de interesses coletivos, conglomerando pessoas para fins comuns, como é o caso de movimentos e comunidades (AGUIAR, 2006).

Embora o crescimento e a extensão das redes sociais nos últimos dez anos possam ser atribuídos, de forma significativa, à disseminação da Internet comercial, a abordagem aqui proposta leva em conta também os “elos invisíveis” através dos quais circulam informação e conhecimento, permitindo a expansão da rede para além dos meios digitalizados, das instituições legitimadas e dos detentores de poder. Esse tipo de abordagem é fundamental em contextos de alto grau de infoexclusão [...]. (AGUIAR, 2006, p. 16).

Observa-se um empenho, por parte das redes migratórias compostas por migrantes e organizações sociais vinculadas, em se constituírem como, segundo Cogo (2010, p.99) “ [...] lugares simbólicos de convergência transnacional das múltiplas e plurais subjetividades migrantes e/ou se converterem em espaços de agregação de causas sociopolíticas e culturais ligadas à cidadania das migrações” . Essa relação em rede facilita a interação dos haitianos no universo nacional brasileiro e vice-versa. Sobre isso, ElHajji afirma:

[...] no atual espaço democrático, o discurso público investido de autoridade representativa, estabelecida e reconhecida pelos próprios membros do grupo deve ser particularmente valorizado, já que é por meio desse mesmo discurso que os grupos minoritários (étnicos e confessionais) elaboram as suas estratégias de legitimação e formação de consenso, tanto entre seu público interno como na sociedade. (ELHAJJI, 2005, p. 201).

Além da intensa circulação promovida entre migrantes e organizações de apoio, há também o próprio processo migratório como ato comunicativo, quando sujeitos em diáspora colocam-se em contato com outra cultura, e a interação que se estabelece entre as distintas realidades caracterizando o hibridismo desse novo espaço (ÁVILA, 2016). Essa marca híbrida, que questiona fronteiras geográficas e provoca uma resistência ao sistema global, é a principal marca da comunicação nesse fenômeno das migrações contemporâneas, balizadas pela participação de atores em rede, no caso das organizações e da comunidade haitiana em Curitiba.

Cabe ressaltar que a concepção das práticas comunicativas mediadas por dispositivos tecnológicos não a torna puramente instrumental, mas enxerga a própria ideia de “mediação”, um fenômeno da comunicação em constante interação com a cultura. Para esclarecer isso, Immacolata Lopes, ao entrevistar Martín-Barbero, obteve uma resposta que ajuda a compreensão da questão. O autor latino-americano explica que seu livro, *Dos meios às mediações*, publicado na década de 1980, expõe a lógica das “mediações culturais da comunicação”, ao considerar “[...] a lógica da produção, as competências do receptor, as matrizes culturais e os formatos industriais.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150), ao passo que hoje seria mais plausível pensar nas “mediações comunicativas da cultura” que conferem protagonismo aos atos comunicativos sem, contudo, creditar sua ação somente aos meios de comunicação. Neste sentido, diz Martín-Barbero: “O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural.” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228).

Segundo Laan Barros (2012), esta re colocação da comunicação na cultura confere a ela um *status* protagonista das relações sociais e culturais, reconhecendo, da mesma forma, os usos e construções de sentidos que são feitos com as mídias nessa nova dinâmica:

O sentido não está, portanto, nos limites do composto meio-mensagem; mas, presente nas dinâmicas que envolvem os sujeitos do processo comunicacional: emissor e receptor, seres sociais, em interação com outros indivíduos, instituições e movimentos sociais. (BARROS, 2012, p. 90).

Assim, ao reconsiderar o novo lugar da cultura na sociedade e, levando em conta serem as novas tecnologias mais estruturantes do que instrumentais, Martín-Barbero (2004) afirma que, com a revolução tecnológica, não são modificadas as atividades da

humanidade, mas evidencia-se uma nova forma de relação entre processos simbólicos, formas de produção e bens e serviços.

3 Uma metodologia interpretativa

Após traçar esse contexto conceitual, chega-se a etapa metodológica, incorporando a epistemologia da comunicação ao debate, de forma a conferir ao objeto de análise a categoria de “interação social”, defendida na área da comunicação como um lugar epistemológico abrangente, mas não totalizante, da comunicação no cotidiano.

Em suma, a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos e interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos. (FRANÇA, 2001, p. 16).

Enfatiza-se que a interação social dos haitianos em Curitiba emerge como objeto de análise dessa pesquisa e dialoga com o contexto sócio-histórico desses sujeitos, visto que a própria concepção de interação social, como objeto comunicativo, é constituída de elementos contextuais.

Ao buscar descrever quais são as práticas comunicativas – mediadas por tecnologias – dos haitianos no novo território e, também, analisar aspectos dessas interações como formas de resistência, assume-se a metodologia da Hermenêutica de Profundidade (HP), desenvolvida por John Thompson, cujo “[...] objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige interpretação.” (THOMPSON, 2011, p. 355). Temos nessas formas simbólicas – textos, falas ou ações – construções sobre distintos contextos sociais e históricos que podem ser inter-relacionadas com outros métodos. Para esta análise, as formas simbólicas, em questão, são as práticas comunicativas coletadas a partir de entrevistas semiestruturadas em 2015 e observação participante, realizada durante aproximadamente dois anos (2014 e 2015), junto a organizações de apoio aos migrantes de Curitiba. As organizações de apoio adentraram, nessa pesquisa, estrategicamente, visto que propiciam uma aproximação à realidade dos migrantes – daqueles que têm algum contato com as organizações, evidentemente – assim como, fomentam práticas comunicativas dos migrantes com a sociedade, mesmo que essas passem por suas interlocuções. Esse breve

comentário metodológico pode ser mais bem organizado se seguirmos a sequência sugerida por Thompson (2011) na HP:

- a) a *interpretação da doxa* (cotidiano) que consiste em uma análise do cotidiano dos haitianos, feita aqui sob o viés da observação participante;
- b) a *análise sócio-histórica* que é caracterizada pela construção teórica, rapidamente exposta na introdução deste texto e referendada durante a observação participante;
- c) a *análise formal*, realizada mediante um tipo de método analítico (neste trabalho, uma adaptação à análise de conteúdo foi escolhida) das formas simbólicas, no caso, as entrevistas e;
- d) a *interpretação/reinterpretação* que aprofunda as análises realizadas, sintetizando-as em conclusões parciais ou finais.

Foram realizadas, ao todo, 14 entrevistas semiestruturadas, sendo 12 com haitianos (dois deles representando organizações de apoio) e duas com brasileiras, também representantes de organizações de apoio. Das entrevistas, as quatro realizadas com representantes de organizações, com pessoas haitianas ou brasileiras, são nomeadas como “EQ+número” que significa “Entrevista Qualificada”³. Da parte dos entrevistados haitianos “não qualificados”, dentre nove entrevistados, apenas uma pessoa não pertencia à faixa etária dos 29 aos 33 anos, item que representou a principal homogeneidade da pesquisa. No entanto, cabe considerar que, segundo pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG) e de outras instituições, como o próprio Governo Federal (FERNANDES; CASTRO, 2014), a faixa etária média dos haitianos que vêm ao Brasil varia entre os 25 e os 34 anos, embora haja bebês e idosos (ÁVILA, 2016).

Quanto ao sexo, a pesquisa se dividiu: dos nove haitianos entrevistados seis eram homens e três eram mulheres, mas a escolha foi feita estrategicamente, respeitando, aproximadamente, os 20% de mulheres haitianas migrantes até a referida pesquisa⁴ (FERNANDES; CASTRO, 2014). Em relação à outra parte da coleta, das entrevistas com as organizações, os dados foram inversos: três mulheres para um homem. Em relação ao estado civil, apenas dois entrevistados afirmaram ser casados, sendo um homem e uma mulher. Além desses, outros dois homens afirmaram ter filhos. Se os casados estão com a

³ A “qualidade” em questão diz respeito a uma fala mais abrangente e menos individualizada, mas tem o mesmo valor metodológico que as ditas não qualificadas, nomeadas somente com a sigla “E+número”.

⁴ No entanto, informa-se que a porcentagem de mulheres haitianas vem aumentando no Brasil desde a pesquisa.

sua família completa no Brasil, ambos os homens solteiros têm seus filhos morando no Haiti (ÁVILA, 2016).

Um dos pontos em que o *corpus* da pesquisa não se alterou muito, frente aos constantes atendimentos realizados pelo pesquisador na Pastoral do Migrante, é o da religião. Dos nove entrevistados, oito afirmaram ser protestantes/evangélicos e um disse não ter religião. No entanto, dados sobre o Haiti ainda afirmam que o catolicismo é a principal religião do país, seguido do protestantismo e do vodu haitiano. De toda forma, a empiria realizada na Pastoral constatou que a maioria dos migrantes haitianos em Curitiba pertence a religiões evangélicas (ÁVILA, 2016).

Por fim, é importante ressaltar a escolaridade e a ocupação dos haitianos em Curitiba. Dos nove entrevistados, cinco afirmaram ter tido acesso ao ensino superior (concluindo ou não), três têm ensino médio completo e um, ensino fundamental completo. É preciso deixar claro que as especificações de ensino fundamental completo e médio são traduzidas para a linguagem brasileira, mas são diferentemente concebidas no Haiti. Quanto aos entrevistados qualificados, todos têm o ensino superior completo e três, dos quatro entrevistados, têm sua formação universitária vinculada ao serviço que presta junto aos migrantes. Em relação à ocupação dos haitianos, apenas dois entrevistados afirmaram ter ocupações próximas às suas profissões de origem (vinculadas, sobretudo, à formação universitária) (ÁVILA, 2016). O Quadro 1 mostra o perfil dos entrevistados.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Identi- Ficação	Sexo	Idade	Escolaridade	Naciona- lidade	Estado Civil	Religião	Profissão/ Ocupação
E1	F	33	EF completo	Haitiana	Solteira	Batista	Comerciante/ limpeza
E2	M	33	EM completo + técnico	Haitiano	Solteiro (filho)	Protestante	Radialista/ fiscal de loja
E3	M	31	Superior completo	Haitiano	Casado (filho)	Protestante	Jornalista/ Triagem Correios
E4	F	29	Superior incompleto	Haitiana	Solteira	Mórmon	Estudante/ Desempregada
E5	F	31	EM completo	Haitiana	Casada (filhos)	s/religião	Vendedora/ Tradutora e diarista

E6	M	30	Superior completo	Haitiano	Solteiro	Batista	Contador/ TI
E7	M	30	Superior completo	Haitiano	Solteiro	Protestante	Cineasta e advogado/ professor de idioma
E8	M	31	Superior incompleto	Haitiano	Solteiro (filho)	Protestante	Professor/ auxiliar de remessa
E9	M	23	EM completo	Haitiano	Solteiro	Evangélico	Web designer/ desempregado
EQ1	M	34	Superior completo	Haitiano	Solteiro	Católica	Religioso
EQ2	F	33	Superior completo	Brasileira	Solteira	-	Professora
EQ3	F	36	Superior completo	Brasileira	Solteira	-	Advogada
EQ4	F	35	Superior completo	Haitiana	Solteira	-	Secretária Executiva/ cuidadora

Legenda: EF - Ensino Fundamental; EM - Ensino Médio.

Fonte: Dados da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em algumas das organizações, em espaços públicos ou nas casas dos entrevistados. Por parte dos haitianos, responderam aqueles selecionados por terem, ou buscarem ter algum tipo de engajamento social específico, por conta de sua situação migratória. A análise das entrevistas foi realizada à luz da análise de conteúdo, cuja unidade de registro incidiu sobre os discursos de (re)construção da identidade dos haitianos em Curitiba.

4 Análise das entrevistas: as outras vozes de Curitiba

A análise de ampla pesquisa, baseada na criação de quatro categorias analíticas que emergiram das entrevistas e da observação participante (práticas comunicativas mediadas por tecnologias; manifestações culturais; trabalho; e organizações de apoio), é restrita a alguns pontos referentes apenas à primeira categoria: práticas comunicativas como atos de resistência dos haitianos no novo território. Desta forma, o quadro abaixo faz uma breve síntese dos resultados dessa categoria, dividida em suas duas subcategorias (já especificadas na introdução):

Quadro 2 - Síntese da análise de conteúdo da categoria “práticas comunicativas mediadas por tecnologias”

Subcategorias	Síntese
Novas mídias	<ul style="list-style-type: none"> • São ferramentas para a manutenção dos vínculos afetivos que influenciam na decisão de migrar. • Lugar de visibilidade pessoal e étnica: comunicação cidadã em espaços transnacionais. • Uso cotidiano: reconhecimento identitário. • Uso do celular reforça a identidade imagética do haitiano e, também, promove aprendizado social, seja por registros, ou seja, pela participação em grupos nas redes sociais (fechamento étnico ameaçado no espaço digital por comunidades de sentimentos). • Atuação independe das organizações, especialmente pela força da internet.
Mídias tradicionais	<ul style="list-style-type: none"> • Lugar de visibilidade pessoal e étnica: comunicação cidadã em espaços transnacionais. • Desejo pela visibilidade se contradiz frente à crítica sobre a televisão. • Violência como tema evidente e relação com criação de estereótipos, que afeta os haitianos.

Fonte: Ávila (2016).

As práticas comunicativas mediadas por tecnologias chamaram a atenção a partir da observação participante junto aos migrantes haitianos, quando se pode perceber o intenso uso que eles faziam de seus celulares durante as atividades realizadas pelas organizações de apoio. Mesmo no percurso etnográfico cotidiano, notou-se o uso, por parte dos haitianos, de seus *smartphones* sempre em punho e a utilização de fones nos ouvidos. No entanto, a análise precisava ir além desse olhar e entender o porquê desses usos e como isso colaboraria ou não na construção de suas identidades. Neste sentido, não só as chamadas novas mídias, como o telefone celular e a internet, mas também as mídias tradicionais, como a televisão, o rádio e os jornais constituem este universo.

Nas entrevistas realizadas junto a nove haitianos perguntou-se quais as mídias por eles utilizadas, seus usos e se há algum tipo de conversação ou reflexão entre eles sobre os conteúdos que as diferentes mídias oferecem. Outra pergunta importante foi feita: qual a principal fonte de informação que os fez migrar para o Brasil e para Curitiba?

A questão sobre o uso das mídias e sua relação com a migração ao Brasil, formulada com a pretensão de estar relacionada a esta primeira categoria, logo foi percebida como insuficiente para ser analisada apenas à luz de uma mediação tecnológica. A diferença reside

na hipótese de que os haitianos vieram ao Brasil por conta da intensa propaganda do país, nas mídias estrangeiras, durante os anos recentes, como se nota nos inúmeros discursos feitos sobre esta fase da imigração ao país. Não se quer excluir tal influência, já que se coletaram falas nesse sentido, mas o contexto das entrevistas demonstrou que a escolha dos haitianos pelo Brasil foi também mediada pela confiança nas informações dadas por pessoas que já estavam aqui. É importante ressaltar uma das falas, que expõe como fator para se decidir pela migração a necessidade dos vínculos afetivos como canalizadores de confiança:

[...] eu tinha um amigo aqui no Brasil, em Curitiba, que me convidou: “Ô, E3*, vai ter Copa do Mundo, você fala vários idiomas, você manja em computador, você pode vir, daí você vai ter sorte pra trabalhar aqui”. Daí larguei tudo para vir aqui. (Entrevistado E3, em 2015).

O que interessa analisar nessa categoria é a condição pela qual esses vínculos afetivos foram realizados, a ponto de influenciar a decisão de migrar. Só é possível manter um contato permanente com tais pessoas, há quilômetros de distância, se existirem tecnologias de comunicação disponíveis e facilmente acessíveis. A acessibilidade da internet e de suas ferramentas de conversação interpessoais ou grupais, como o aplicativo Whatsapp, tornam mais fáceis o entendimento sobre a realidade do país para onde se pretende migrar, em relação às mediações realizadas pelas mídias tradicionais. A preferência pelas novas mídias na decisão de migrar, com o uso de ferramentas como o Whatsapp que possibilita a manutenção dos vínculos afetivos na cotidianidade, revela como a imigração, hoje, pode ser influenciada fortemente por vínculos afetivos de amigos e familiares que expõem sua opinião e contam sobre os novos espaços de ocupação, o que parece criar uma perspectiva de confiança muito mais forte do que as informações veiculadas apenas pelas mídias tradicionais. O entrevistado a seguir resalta tal afirmação:

[...] depois do Haiti ter sido atingido pelo terremoto eu, com um primo que estava já aqui, ele conversava comigo – ele estuda para Engenheiro Industrial [...]. Ele chegou aqui no Brasil e depois perguntou a mim se eu queria vir também [...] Meus pais não queriam pra mim viajar tão longe assim, mas meu primo conversou com eles e consegui o aceite. (Entrevistado E2, em 2015).

Se na maioria dos casos, a presença de alguma pessoa conhecida contribui para a vinda do migrante ao Brasil e a Curitiba, em outros casos, o conhecimento prévio a partir das informações veiculadas nas mídias, ainda que pequeno, também colaborou para a vinda de haitianos: “Sobre o Brasil só (sabia) sobre futebol. Mas uma coisa que eu sabia é que o

Brasil produzia muito café.” (Entrevistado E8, em 2015). Também, na fala abaixo, o entrevistado revela mais conhecimentos sobre o país:

Eu tinha acesso à internet, lá na faculdade no Haiti e eu pesquisei bastante. A parte mais importante para mim é que o Brasil estava no 5º lugar das economias no mundo. Às vezes eu penso que eu sou uma vítima da propaganda do Brasil lá fora. Porque lá fora não mostram as favelas [...]. Eu sei que tem miséria no Brasil, mas eu achei que era fraco e quando eu cheguei eu vi que era outra coisa. Mas fora tem turismo, grande, e a economia é muito boa. Depois vai ter a Copa do Mundo, o Brasil vai crescer mais. Eu estava pensando assim. (Entrevistado E6, em 2015).

Ao se observar a estreita relação que os dispositivos tecnológicos tiveram na decisão de migrar, especialmente, a partir de vínculos afetivos, percebe-se que, após a migração, essa relação ainda se mantém, agora com os que ficaram no país de origem. Todos os entrevistados afirmaram manter contato frequente com suas famílias e amigos, o que sustenta o ciclo comunicativo migratório, sendo agora eles os informantes das realidades externas à sua nação:

Agora eu sempre falo que aqui no Brasil... como tem eles que me perguntam, porque eles sabem que eu gosto muito de informação, essas coisas assim, eu sempre falo a verdade [...] eu ainda tenho um relacionamento com meu ex-colega que eu trabalhei lá no Haiti, no rádio, sempre fica uma conexão da informação. (Entrevistado E2, em 2015).

A relação com as mídias foi ressaltada por muitos haitianos, todos homens⁵, que disseram ter interesse em aproveitar os espaços midiáticos disponíveis, a fim de emitirem alguma informação e entendimento de mundo, por exemplo. Essa questão de visibilidade midiática é fomentada pelo fato de alguns dos entrevistados já terem tido contato com mídias ou dependerem delas para alcançar realizações pessoais, como é o caso da música e do jornalismo, em quatro das falas analisadas.

Vocês têm alguma página que divulgam o trabalho? Tem. Qual? É Level Compa, no Facebook. Tem no Youtube? Tem um link no Youtube, na verdade. Mas o principal é a página do Facebook. No Facebook. [...] E para vocês como é esse tipo de trabalho? O pessoal interage? Intera. Mais haitiano ou brasileiro também? Tudo. Haitiano, americano, francês. (Diálogo com o Entrevistado E8, em 2015).

⁵ Mesmo sem se aprofundar na questão de gênero na pesquisa, vemos como algo importante ressaltar o apreço maior pelo uso das mídias que há entre os homens haitianos comparado às mulheres. A conclusão foi alcançada por meio de observação direta no cotidiano do grupo em estudo.

Às vezes chega a mais de 500 pessoas que ouvem, mas até ano passado quando eu gravava alguma coisinha com a Maria* tinha mais de 300 pessoas ouvindo e já cantando, mas só de brincadeira várias pessoas já ficaram loucas para assistir vídeo. Mas vídeo só lá no Facebook, não no Youtube. Só no Facebook dá quase 500 pessoas olhando. Por isso que eu falei queria, mas eu não lembro o nome dela que pretende fazer uma entrevista com nós e um showzinho na Casla pra levar o pessoal da Globo... gravar uma coisinha. (Entrevistado E2, em 2015).

Ainda que seja a maioria dos casos, não é só a visibilidade voltada para a publicidade de algum trabalho que é vislumbrada pelos haitianos quando se referem às mídias, especialmente às novas mídias, que é por onde eles conseguem se inserir, socialmente, de forma autônoma.

A apropriação das tecnologias de comunicação é relacionada com o espaço físico, à medida que o uso das redes sociais, por meio de celulares, registra momentos multiplicados pela virtualidade. Ressalta-se, também, que o uso das redes sociais no espaço digital contribui para evitar o fechamento étnico, à medida que a interculturalidade avança em termos de “repertórios de resistência” (HALL, 2013) por páginas e grupos do Facebook, por exemplo.

Tal estratégia, nem sempre planejada pelos haitianos, pode ser trazida para o âmbito da criação de comunidades de sentimentos, conforme salienta Santos (2002). Essas “comunidades” podem ser visualizadas por meio da interação entre haitianos e brasileiros que estão dentro ou fora do espaço estratégico das organizações de apoio, mas interagem pelas mídias virtuais. Ainda assim, cabe ressaltar que o espaço mais apropriado para que esses “repertórios de resistência” se manifestam é no âmbito dos eventos realizados pelas organizações de apoio, não analisadas neste artigo.

Eu entro lá no Google, pego as imagens do Haiti, as imagens recentes, e compartilho com amigos ou amigas brasileiras. “Olha o que a mídia está fazendo, está falando sobre o Haiti e olha o outro lado, olha algumas praias bonitas lá, alguns lugares...”. Daí eles começaram a fazer uma comparação: “Ah, nossa, a mídia só fala do terremoto, que o Haiti é um país pobre, é um país que sempre tem guerra civil, etc. Mas a mídia nunca fala sobre o Haiti no sentido bom, “Ah, lá tem praia bonita”, “É a primeira República negra que foi independente”, uma guerra... isso não é tão fácil. Aí a gente usa o Face, usa o Instagram, postando as fotos, etc. (Entrevistado E3, em 2015).

Se na coletividade as organizações de apoio, especialmente quando contribuem nas comemorações pátrias haitianas, atuam como ponto crucial para a reconstrução das identidades migratórias frente à sociedade, as ações individuais de sujeitos, também

,compõem lutas pela cidadania transnacional dentro dessa rede de apoio aos migrantes, podendo ser chamadas de “comunicação cidadã em espaços transnacionais”, ou seja, formas de aproximação que os migrantes travam para resguardar suas culturas, atreladas a processos de mudança social decorrentes da globalização no âmbito da informação e comunicação (COGO, 2010).

A importância que os haitianos dão às datas pátrias é potencializada comunicativamente pelos eventos culturais, os quais são utilizados como estratégia para informar sobre seu país, de forma diferente do que o brasileiro eventualmente toma conhecimento. No entanto, alguns deles afirmam utilizar as tecnologias de comunicação como ação individual, especialmente, nas redes sociais digitais, com o intuito de desestabilizar estereótipos criados sobre o Haiti:

Pra mim, a melhor ocasião é uma data histórica do nosso país. Quando vem essa data a gente sempre comemora no Haiti. Quando vem essa data os haitianos que estão vivendo no Brasil precisam comemorar também. Esse momento, para nós, é um momento bem favorável [...] Batalha de Vertières, Bandeira e dia da liberdade... Independência. (Entrevistado E8, 2015).

Têm umas datas muito importantes. A vitória do Haiti, no dia 18 de novembro, que foi a última guerra da independência e o dia 1º de janeiro a data da festa da independência do Haiti. Dia 18 de maio é o dia da Bandeira do Haiti. (Entrevistado E7, 2015).

“Olha o que eu faço! Estava cantando na Festa Latino-Americana!”. Para mostrar para amigos [...]. Só minha prima que tinha, quando ela foi na Festa Latino-Americana. Não sei se você lembra, minha prima fez um teatro e ela tem isso no *Youtube*. (Entrevistado E4, 2015).

Esses brasileiros que estão nesses grupos, eles ajudam ou atrapalham? Às vezes têm alguns que atrapalham e têm alguns que ajudam, mas a maioria ajuda. Então, pra você é positivo ter brasileiro nesse grupo? Sim. E há algum grupo que é só de haitianos? Na verdade não, sempre mistura [...] a minha banda tem brasileiro, só o futebol, meu time, é que não tem brasileiro. (Diálogo com Entrevistado E3, em 2015).

De toda forma, abarcando a incidência das redes sociais digitais como espaço de encontro entre pares, poucos haitianos afirmaram compartilhar seus registros em grupos no Facebook, por exemplo, ao passo que o compartilhamento de registros via Whatsapp – com entes próximos ou amigos – é mais comum. Quando se perguntou a eles sobre se participam de algum grupo de haitianos no Facebook, a resposta padrão foi esta:

Não sou um membro ativo, mas estou participando de alguns. Por exemplo, quando têm alguns que tem uma publicação eu vi (vejo), mas não... Não sou muito ativo. *O que eles postam mais nesses grupos?* Às vezes notícias do Haiti, sobre trabalho, sobre coisas assim. (Entrevistado E7, em 2015).

Há a procura de contato com outros haitianos que residem no Brasil (um grupo do Facebook bastante citado foi o “Haitianos no Brasil”). Contudo, para os entrevistados, esse contato estava voltado à aquisição de informações, inclusive dadas por brasileiros que participam dos grupos do Facebook. Desta forma, percebe-se que as mídias alavancadas pela internet representam estruturas importantes para a circulação de informações dos haitianos que estão no Brasil e desses para outros, como haitianos que residem no país ou pretendem vir para cá, especialmente.

Se as redes sociais virtuais mostraram pontos positivos aos migrantes como formas de reconstruir suas identidades, as mídias tradicionais, embora, sejam alvo de desejo dos migrantes pela grande visibilidade que propiciam, são duramente criticadas no que tange à sensação de medo causada pelo conteúdo violento e estereotipado da programação, especialmente o policialesco.

Antes eu via os jornais de manhã, só que isso me estressa e agora eu não estou usando [...]. Ver algumas coisas de violência, algumas coisas me estressam bastante. Ver uma pessoa invadir uma casa, essas coisas me estressam e aí eu não assisto mais jornal. (Entrevistado E5, 2015).

Algumas imagens são feias, né? Como se o Haiti fosse um inferno, e eu não gosto, porque eu sei que todos os países têm dificuldades, têm lugares bons, têm lugares ruins, têm favelas e tem tudo isso também. Mas, não sei, porque têm alguns jornalistas que quando precisam de entrevistas só pede coisas ruins e eu não gosto. (Entrevistado E7, 2015).

Ao mesmo tempo em que houve críticas ao conteúdo violento da TV brasileira e da conseqüente sensação de insegurança que isto provoca, também houve críticas relacionando o discurso midiático ao preconceito que sofrem no Brasil. Alguns haitianos também manifestaram, ainda que não tão expressamente, o sonho de “ser midiaticizado”, não apenas pelas redes sociais digitais, mas também pelas mídias tradicionais, como a televisão. Uma das entrevistas que resume a crítica à mídia é realizada por um dos representantes de organizações de apoio. Outra crítica realizada por outro representante de organização é referente à ação do jornalista frente a um indivíduo cultural:

Mas a gente não percebe muito o movimento da mídia no sentido de mostrar as coisas positivas, as contribuições mesmo, ou de cobrir um evento desse, porque a gente sempre convidou. Então nos procuram muito mais quando parece que o haitiano foi chamado de macaco, banana e foi agredido, isso repercute muito mais do que uma ação que a gente faz para os haitianos de atendimento dentário ou que valorize essa autoestima, ou na Praça de Bolso onde estava todo mundo dançando juntos, monte de brasileiros e monte de haitianos dançando juntos e eles falando coisas positivas do Brasil e dos brasileiros. (Entrevistado EQ2, em 2015).

A mídia também. Ela faz uma pergunta: “Por que você veio aqui ao Brasil?”. É sempre uma pergunta assim, é a pergunta mais comum da mídia. Sim, é curiosidade de saber porque o imigrante vem. Acho que não deveria ser a primeira pergunta. Deveria ser: “Quem é você?”. Acho que a primeira pergunta deveria ser perguntar a identidade da pessoa [...]. A resposta já está aí, na pergunta. (Entrevistado EQ1, em 2015).

[...] eu vejo várias vezes o jornalista, pessoal que vai fazer vídeos, pesquisas sobre sempre coisas negativas, das dificuldades, mas precisam saber também da nossa capacidade como povo. Eu não sei se é ignorância, não sei se eles não sabem que temos capacidade de conhecimento, capacidade de chegar muito mais longe do que estamos até agora, mas eles só procuram coisas negativas, não achei ainda pessoas que procurem coisas positivas de nós. É isso que eu acho. (Entrevistado E2, em 2015).

Especialmente essa última fala demonstra que o apreço pelas mídias tem limites que caminham em paralelo à oportunidade de serem os próprios migrantes sujeitos ativos nos processos de produção.

Eles vieram aqui na minha casa, o Felix⁶, gravando uma matéria, acho que semana que vem vou ter que ir lá na RPC [Rede Paranaense de Comunicação: Afiliada da Rede Globo no Paraná] para dar um show ao vivo, essas coisas. Mas é uma campanha mesmo pra ajudar os brasileiros saberem que os haitianos não só deixaram um país pobre para vir aqui só para trabalhar. Alguns de nós têm bastante coisa para fazer. (Entrevistado E3, em 2015).

De forma ampla, pode-se afirmar, sobre esta categoria de análise, que as práticas comunicativas, mediadas por tecnologias, ocorrem de forma muito individual ou coletiva entre os haitianos, por meio de suas próprias iniciativas e, não propriamente, pela intervenção das organizações sociais como poderia se pretender. Pode-se assim dizer que estas práticas são espontâneas e inseridas, naturalmente, em seu cotidiano.

⁶ Nome fictício.

A internet ganha força nas práticas comunicativas interpessoais que configuram a condição do migrante, distante territorialmente, mas presente por meio das redes sociais em seu sentido mais amplo (AGUIAR, 2006). Esses fatores se devem também à tecnologização dos haitianos entrevistados, incluindo suas capacidades técnicas e sua condição financeira, o que não foi percebido em um dos casos, por exemplo, por um dos entrevistados que relataram o uso do celular: “E você usa sempre? *Sim, todo dia [...] Só no mês que eu trabalho e entra pagamento.*” (Entrevistado E1, em 2015).

Já a aproximação com as mídias tradicionais não surpreendeu, exceto pelas falas expostas anteriormente, o que demonstra uma perda de força dessas tecnologias, não só no Brasil, mas também no Haiti. Isso se dá ao fato de as práticas comunicativas envolvidas na migração dos haitianos para o Brasil estarem muito mais relacionadas ao uso das novas mídias para contato interpessoal do que pela eficiência da propaganda do Brasil nos meios de comunicação de massa.

5 Conclusões

A partir dessa condensação de um extenso trabalho sobre as práticas comunicativas dos haitianos residentes em Curitiba, verificou-se nos resultados da pesquisa um crescimento de uso, pelos haitianos, das “novas mídias” em relação às mídias tradicionais, uma prática comunicativa que não pode mais ser ignorada quando falou-se de formas de resistências locais, deixando evidente que é o próprio ambiente da rede – neste caso, a digital – um lugar estratégico para a disputa da cidadania transnacional na globalização contemporânea.

Um dos exemplos que pode ser visto recentemente foi a “resposta social” (BRAGA, 2006) dada por haitianos de Curitiba. O grupo produziu um vídeo intitulado “*Resposta dos haitianos ao apresentador Luciano Huck*”, publicado no Youtube, em junho de 2016, a respeito da matéria, transmitida pela TV Globo, no intervalo da partida de futebol entre o Brasil e o Haiti, pela Copa América Centenário. O vídeo, que contou com apoio de ativistas brasileiros envolvidos em organizações de apoio da cidade, alcançou mais de 440 mil visualizações e obrigou o apresentador a se retratar dos discursos superficiais a respeito do Haiti proferidos em um horário de grande audiência na televisão aberta, convidando o grupo de haitianos para o seu programa de grande audiência.

Se as redes sociais, físicas ou virtuais, proporcionam um lugar de busca por cidadania dos haitianos no espaço transnacional e, neste caso, especificamente, no Brasil, há

outro componente contextual que reforça a disputa: a história do Haiti, de conquistas mobilizadas por processos de independência e a presença negra do povo em um país racialmente hierarquizado como o Brasil ressignificam contextos de luta frente a outras nações que migram para cá. Neste sentido, recomenda-se o trabalho do antropólogo haitiano Joseph Handerson (2015) que, em pesquisa de doutorado no Brasil, ressalta tais características.

O haitiano não só se reconhece como trabalhador, por estar em busca de recursos financeiros para reintegrar sua vida e de seus familiares a um mercado produtivo, mas também apresenta ao Brasil um acervo histórico-cultural proveniente de suas raízes que ultrapassam a ideia socioeconômica do trabalho como identidade. Neste sentido, a resistência cultural ganha novos contornos no cosmopolitismo de Santos (2002), incluindo a luta contra o racismo, contra a depreciação da mão de obra migrante e contra a pouca – e má – visibilidade na esfera midiática. Por isso, considera-se, também, que a premissa de que tais práticas comunicativas, especialmente as vinculadas a dispositivos tecnológicos como as redes sociais virtuais, por exemplo, constituem-se como formas de resistência frente aos processos de vida acelerados pela globalização e que culminam nas realocações das identidades. Assim, os haitianos podem não só contribuir economicamente com o país, mas também com o nosso modo de ser na cultura.

Referências

AGUIAR, Sônia. **Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação**: relatório final de pesquisa. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações, 2006. Disponível em: <https://www.nupeg.org.br/sites/default/files/downloads/rel_nupeg_redes_2006.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2017. Relatório do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o 3º Setor.

ÁVILA, Otávio C. **O Haiti em Curitiba**: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação e Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BARROS, Laan. Recepção, mediação e midiaticização: conexão entre teorias europeias e latino-americanas. In: JACKS, Nilda et al. (Org.). **Mediação e midiaticização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; ARAUJO, Dina (Org.). **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2016. Brasília: OBMigra, 2016.

COGO, Denise. A comunicação cidadã sob o enfoque transnacional. **Intercom**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 81-103, jan./jun. 2010.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação, cultura e conflitos: uma abordagem conceitual. In: PAIVA, R; BARBALHO, A. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 189-206.

ELHAJJI, Mohammed. Migrações, TICs e comunidades tradicionais: o devir diaspórico na era global. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Recife: Intercom, 2011.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação G. de (Coord.). **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral**. Belo Horizonte: Ministério do Trabalho e Emprego, 2014. Disponível em: <<http://obs.org.br/cooperacao/746-projeto-estudos-sobre-a-migracao-haitiana-ao-brasil-e-dialogo-bilateral>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, Niterói, n. 5, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. (Comunicação Contemporânea, 3).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, jul./dez. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos em cena... e as teorias, por onde andam? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 16-29, set./dez. 1998.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

An interpretative analysis about the communication practices in the identity constructions of Haitian migrants in Curitiba-PR

Abstract

Haitians have become known to the Brazilian population, especially in the country's large capitals. Haitians immigrants appear in our imaginary under different representational forms, usually mediated by mass media discourses. This article aims to discuss how certain communicative processes that occur outside the official "communication circuit" (TV, newspapers, radio and traditional media sites) destabilize hegemonic discourses for a "transnational citizenship" of rights and dignity to the Haitian migrant who comes to Brazil and, more especially, to Curitiba, in Paraná. The article invokes the relation among the migration theme, the contemporary globalization process, social networks that can act as counter-hegemonic discursive forms, and the methodological perspectives that extrapolate the quantitative data to bring to immigrants an evaluative perspective on their identities. The communicative practices of Haitians immigrants, in Curitiba represent forms of resistance to face the process of life accelerated by globalization, specially those connected to identities; in the end, we can show, as result, how the Haitians have used several media interactions to present themselves in the new territory.

Keywords

Haitian migration. Globalization. Communication. Networks. Curitiba.

Recebido em 30/03/2017

Aceito em 08/05/2017

Copyright (c) 2018 Otávio Cezarini Ávila, Myrian Del Vecchio de Lima. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

